



*Os alunos formam
laços fortes de
amizade.*



UMA ESCOLA NA LUTA CONTRA O RACISMO

Numa pequena escola eslovaca, crianças ciganas se integram às não ciganas e todos se beneficiam

POR LISA FITTERMAN
FOTOGRAFADO POR ANDREJ BAN

P EQUENO, CABELO ESCURO espetado com gel, jaqueta preta de couro e sorriso malicioso, Jozef Rakaš, 15 anos, tem ar de esperto e durão. Entretanto, está repetindo o 7º ano pela terceira vez – um menino cigano de uma comunidade assolada pela pobreza no leste da Eslováquia que, como muitos antes dele, nunca se interessou pelos estudos. Agora, porém, Jozef começa cautelosamente a se dedicar. É como se matemática e história fossem animais atraentes mas exóticos, que podem morder se ele chegar perto demais.

Jozef participa de uma experiência ousada, mas ainda precária: em sua escola primária, na organizada aldeia de classe média de Šarišské Michal'any, cerca de 400 quilômetros a leste de Bratislava, um tribunal ordenou a integração entre alunos ciganos e não ciganos, mais acostumados a brigar entre si do que a fazer amizade.

Até recentemente, Jozef e seus colegas ciganos viviam uma espécie de *apartheid*, com aulas, pátios e banheiros separados – uma segregação institucional com base na origem étnica e na crença declarada de que os alunos ciganos aprendem mais devagar. Apesar da postura atrevida, ele reluta em falar sobre o “antes”. Conversar com alunos não ciganos era correr o risco de se sentir sub-humano – um ladrão, um comedor de cães ou um cigano burro e preguiçoso cujos pais se embebedam até cair todo mês quando recebem o cheque do seguro-desemprego.

Ele me olha com um sorriso de desculpas e dá de ombros. “Agora é diferente, é melhor quando estamos

juntos”, diz ele. “Ainda não gosto muito da escola, mas é melhor quando somos amigos.”

É um belo sentimento, mas o esperto Jozef sabe que é preciso mais do que alguns novos amigos para fazer diferença. Com pouco apoio local para cumprir a ordem judicial, a esperança imediata para ele e seus colegas são alguns professores capazes de ver além dos estereótipos, o decidido diretor da escola e as próprias crianças.

Quando se trata de racismo contra os ciganos na Europa, a Eslováquia apresenta um dos piores casos: um país de 5,5 milhões de habitantes que, fora das grandes áreas urbanas, tem castelos de contos de fadas e favelas que não ficariam deslocadas no Haiti. Lá a recessão foi muito dura, sobretudo no leste, onde vive a maior parte dos estimados 500 mil ciganos do país. A maioria ganha a vida às margens da sociedade, rejeitados, evitados e agredidos, mal alimentados, praticamente sem nenhuma assistência médica e dentária e com expectativa de vida 15



Dominik (à esquerda) e seu melhor amigo, Matús, com o auxiliar de ensino Peter Kaleja.

anos abaixo da média nacional. Suas casas são de pau a pique. Algumas favelas têm uma única torneira, outras nem água corrente têm. O desemprego fica em torno de 80% e é bem mais alto em algumas áreas.

O resultado cruel é o racismo patrocinado pelo Estado – o isolamento insidioso das crianças ciganas em turmas que enfatizam a “decoreba” e configuram o fracasso de seu futuro. Muitas acabam em escolas para deficientes mentais, porque não há lugar para elas nas outras. Entre as que frequentam escolas regulares de ensino fundamental, como Jozef, só 28% chegam ao ensino médio, comparadas aos 95% dos alunos não ciganos. É um círculo vicioso no qual, preocupados com a sobrevi-

vência cotidiana, eles não conseguem imaginar a vida além de seus barracos.

Combater o racismo é difícil. Dizem-me que os ciganos são sujos, que seus filhos têm piolhos. Julio Marckovcé, dono de uma pousada em Prešov, cidade universitária ao sul de Šarišské Michal’any, observa: “Eles não trabalham, as famílias têm dez filhos e apenas sugam o dinheiro do Estado.” Maria Cechovicová, mãe de uma menina de 2 anos de maria-chiquinha loura, me diz preferir que não houvesse ciganos na turma da filha quando a menina tiver idade suficiente para a escola. “Eles não aprendem nada”, diz ela. “Alguns, os menores principalmente, também machucam nossos filhos.”



A ESCOLA FUNDAMENTAL de Šarišské Michal'any é da época soviética: dois andares de concreto e estuque pintados de amarelo e laranja. Ao entrar, logo vemos um painel que se estende por todo o corredor, com crianças de todas as cores sorrindo de mãos dadas. É uma obra alegre, feita por crianças para crianças: uma mensagem que tenta ser ouvida numa aldeia de 3 mil habitantes, com opiniões e temores que refletem o restante do país. Em janeiro de 2012, depois que um colegiado de juízes rejeitou o recurso da escola contra a ordem da instância inferior, pais e professores compareceram a uma acirrada reunião local divulgada pelo jornal da cidadezinha como “Salvem a escola de nossos filhos!”. Preocupados com

notas, atritos e brigas, os pais ameaçavam tirar os filhos da escola.

E então Jaroslav Valaštiak, professor de biologia que virou administrador, foi contratado para ser o novo diretor. Alto e magro, com gosto por roupas pretas, foi escolhido pelo conselho da aldeia como arauto da nova era. Depois o deixaram fazer o melhor possível com os 406 alunos, mais da metade dos quais vindos de uma favela cigana em Ostrovany, aldeia a cerca de 3 quilômetros de distância, onde não há escolas.

Entro em sua sala estreita, com escrivaninha, estante e uma pequena mesa de reuniões, e pergunto se ele já tinha pensado em ser um facilitador de mudanças. Cauteloso, ele leva alguns segundos para responder.

“Às vezes, parece que estou batendo a cabeça na parede”, diz, por fim. “Mas conheço os problemas do povo cigano. Nunca minimizei esse desafio e sei aceitar críticas às minhas escolhas.”

Foi difícil conciliar a decisão do tribunal com a realidade dos alunos vindos de mundos tão diferentes. Como colocar em salas de aula de não ciganos as duas ou três meninas ciganas grávidas que recebe todo ano? E o que fazer se metade dos alunos ciganos falta à aula no dia seguinte à distribuição dos cheques do seguro-desemprego?

Ele pede aos alunos que expliquem a ausência. “Meus pais e avós passa-

têm as habilidades necessárias para se saírem bem em turmas nas quais independência e iniciativa são estimuladas. Vejamos o caso de uma menina de Ostrovany numa aula de civismo do 5º ano, numa turma não cigana. Sentada a uma mesa vazia, no meio da sala, ela se mantinha calada enquanto ao redor os demais trabalhavam nos computadores. Era como se ela não existisse.

“Pena que não filmei”, recorda Alica Petrasová, professora de pedagogia da Universidade de Prešov que testemunhou a cena. “Numa reunião posterior com os professores da escola, pergun-



Nos pátios não há mais segregação, e os clubes, antes exclusivos dos brancos, agora são mistos.

ram a noite acordados”, é a resposta superficial padrão. Fica implícito que houve muita bebedeira e gritaria e ninguém para cuidar dos irmãos menores pela manhã.

“Ainda estou naquele estágio difícil, o começo”, continua Valaštiak. “Além da decisão da Justiça, que não especifica o percentual da mistura de estudantes nas turmas, há os professores que não querem mudar. De seis em seis meses, eles me sugerem quais alunos devem ser removidos.”

Apenas alguns poucos ciganos são transferidos, e em geral eles não

tei por que isso acontecera. Disseram que não há computadores para todos. Eles acham que não estão fazendo nada errado!”

É claro que, nos dois anos desde que Valaštiak assumiu o cargo, houve mudanças visíveis, positivas e até controversas. No recreio da manhã, passo pelos corredores e vejo ciganos e não ciganos misturados, um mar de claros e escuros, gritando, rindo e brincando. “Sempre ficaremos juntos”, diz Dominik Veslovský, louro e franzino, de seu amigo cigano Matús Kova-Pešta, ambos de 13 anos.



Os alunos cantam juntos uma sincera canção de amizade.

Nos pátios não há mais segregação e os clubes para atividades extra-classe, antes privilégio das crianças brancas, são mistos. Foi suspensa a proibição de entrada de pais ciganos no terreno da escola e há dez mesas novas no refeitório que, quando Valaštiak começou, era exclusivo para alunos não ciganos. Enquanto estes faziam uma refeição quente e gratuita, os colegas ciganos eram banidos para o lado de fora, onde comiam o sanduíche que recebiam ao chegar à escola. Pelo menos agora há lugar suficiente para os alunos ciganos até o 5º ano no refeitório, embora os mais velhos ainda fiquem do lado de fora.

“Os ciganos são um povo de coração aberto”, diz Valaštiak. “É preciso trabalhar com essa generosidade e não se-

gregá-los. E começamos a ensinar-lhes hábitos sociais e culturais, como boas maneiras à mesa.”

No entanto, como ele explica, depois a maioria volta para a favela de Ostrovany, onde a comida é escassa e a miséria fica confinada por trás de um muro de concreto de 2,2 metros de altura e 150 metros de comprimento.

O cigano Peter Kaleja, auxiliar de ensino oriundo da comunidade, contratado por Valaštiak em setembro de 2012, me leva para o outro lado do muro. Vejo barracos arruinados ao longo de ruas de terra estreitas que viram um lamaçal na chuva. Os telhados são de metal enferrujado. Os cheiros se misturam: fumo, comida estragada, suor, perfume barato e fraldas sujas. Cães de rua se trançam nas pernas das

crianças. A meninada joga futebol com uma bola rasgada e brinca na terra junto a um portão de arame farpado. Há bebês por todo lado, no colo das mães ou das irmãs mais velhas, ou sentados em cadeirinhas improvisadas, mas tudo é estranhamente silencioso, letárgico até. Todos se movem em câmera lenta. O alcoolismo é generalizado. Desemprego, ressentimento e uma sensação de impotência são a regra.

Ouçó queixas de que o seguro-desemprego não é suficiente para viver e muito menos para mandar os filhos para a escola. Milan Kaleja, 50 anos, magro mas barrigudo, de bigode espesso, faz um curso de construção civil mas não tem um emprego de verdade desde 1998. “As pessoas anunciam as vagas, mas, quando chegamos lá e veem que somos ciganos, as vagas somem de repente.”

Em certo momento, sou cercado por garotos fascinados pelo gravador. “Vocês não têm dever de casa para fazer?”, pergunto. Eles sorriem e dão de ombros. Marek Dužda, de 15 anos, travesso e miúdo, diz que prefere não ir à escola, não com pais que dormem o tempo todo.

Peter Kaleja, o auxiliar de ensino, esguio, de voz suave e pai orgulhoso de cinco filhos, mostra-se irritado ao observar que muitas dessas crianças não serão capazes de se defender, porque não aprenderam. “O problema começa aqui, em casa”, diz ele, “por-

que os pais não entendem o valor de uma boa formação.”

Mas há esperança. Na escola de Šarišské Michal’any, muitos alunos estão na vanguarda, dispostos a lutar pelo que consideram certo e defender os amigos. Encontro cerca de 20 deles depois da aula, garotos de duas comunidades que se acotovelam e sorriem quando nos sentamos em volta de uma mesa comprida.

Jozef, o menino do 7º ano, diz que na escola basta fazer um pouco de esforço e participar; depois que decidiu se dedicar, “deixou de ser tão difícil”. E a loura e alta Monika Karnišová, 15 anos, que quer ser atriz, observa: “Todos merecem uma chance. A cor da pele não importa. O que conta é o caráter.”

Então, ao som de *Mamma Mia*, do Abba, eles cantam versões da música-tema da escola em eslovaco e num inglês capenga. É melodramático, sincero e um pouco desafinado:

“Me dê sua mão, me mostre que está aqui,

Você é meu amigo e sempre será.

Vamos nos divertir e ficar juntos num grupo só!”

Valaštiak sorri. Era disso que sentia falta quando chegou à escola dois anos atrás, ciganos e não ciganos juntos, crianças com sonhos, aspirações e valores que incluem a noção de igualdade e direitos humanos.

“As crianças estão bem”, diz. “É por meio delas que a mudança virá.”